

UM ESTUDO TEÓRICO ACERCA DAS ATRIBUIÇÕES DO SUPERVISOR E DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

FERNANDA FELIPE

INTRODUÇÃO

A realidade educacional na atualidade vive em constante mudanças, então um Supervisor e um Orientador Educacional deve estar a par das transformações do mundo, tendo um caráter ativo e participativo e consciente do seu papel nessa sociedade.

Este projeto de pesquisa tem como tema “Um estudo teórico acerca das atribuições do Supervisor e do Orientador Educacional. Tem como objetivo os seguintes itens:

- Rever a historicidade do Supervisor e do Orientador Educacional.
- Detectar os pontos que diferem entre o Supervisor e o Orientador Educacional.
- Identificar as principais dificuldades que esses profissionais enfrentam frente o processo de ensino aprendizagem.

O percurso teórico da pesquisa está baseado na função atributivas do Supervisor Escolar e do Orientador Educacional ratificado por autores que vem trabalhando a temática como Luck e Martins. Fazendo uma ressalva do trabalho observamos as condições de trabalho desses profissionais diante os aspectos burocráticos

A presente pesquisa está tratando dos seguintes assuntos:

- O papel do Supervisor e do Orientador Educacional frente às relações interpessoais.
- O papel do Supervisor escolar frente ao processo de ensino-aprendizagem
- O papel do Orientador Educacional na contribuição no processo de ensino aprendizagem.

Portanto, essa pesquisa é de suma importância para podermos definir papéis e assim contribuir para a melhoria educacional de forma que possamos

adentrar teoricamente no alicerces históricos da Supervisão e da Orientação Educacional, bem como, está situado nas transformações acarretadas nessas profissões, estando conectados com as mudanças que lhes são atribuídas.

Este projeto de pesquisa tem como tema “Um estudo teórico acerca das atribuições do Supervisor e do Orientador Educacional, vendo que muitos profissionais desconhecem ou ainda se confundem a respeito atribuições desempenhadas por tais profissionais. Tem como Objetivo Geral, analisar as funções do Supervisor e do Orientador Educacional. Se especificando em rever a historicidade da atuação de tais profissionais, detectando os pontos que diferem entre ambos e identificando as principais dificuldades que enfrentam frente o processo de ensino aprendizagem.

Sabemos que o trabalho do Supervisor e do Orientador Educacional é de suma importância na construção de uma escola de qualidade e democrática, visto que estes desempenham papéis indispensável no âmbito escolar e social. È preciso valorizar as suas atribuições de forma que a escola ganhe uma maior autonomia com profissionais qualificados que interfiram nos problemas educacionais. Realizado coletivamente, trabalho educacional tem que ser de forma partilhada abrangendo todos os elementos escolares de modo que estabeleçam objetivos para a resolução de problemas, mas sabemos que esse é um desafio da educação pois analisa que em muitas realidades escolares a dinâmica que era pra ser coletiva vem sendo de forma individual.

A dispersão das funções de supervisores, professores, orientadores educacionais, diretores e outros membros educacionais interfere na construção de uma escola democrática, bem como o envolvimento professor-aluno precisa ganhar uma maior importância para que as relações existentes dentro e fora da escola. Assim o trabalho do Supervisor e do Orientador Educacional com essa dispersão é bastante dificultado no que diz respeito a um trabalho coletivo, assim, o trabalho coletivo é paralelo á valorização das atribuições dos diferentes profissionais.

São a partir das interações profissionais no âmbito escolar que construímos uma escola justa calcada nos ideais de liberdade onde todos os autores se envolvam na esfera educacional para podermos construir uma sociedade justa e igualitária. A escola deve ser um espaço que valorize cada vez mais as relações humanas, pois temos que ir além do individualismo ultrapassando as práticas egocêntricas. O Supervisor e o Orientados Educacional são peças fundamentais nessa construção.

2.0 METODOLOGIA

Neste artigo que tem como tema “Um estudo teórico acerca das atribuições do Supervisor e do Orientador Educacional” foi utilizado uma revisão bibliográfica pois observa-se que muitos profissionais desconhecem ou ainda se confundem a respeito atribuições desempenhadas por tais profissionais. Tem como Objetivo Geral, analisar as funções do Supervisor e do Orientador Educacional. Se especificando em rever a historicidade da atuação de tais profissionais, detectando os pontos que diferem entre ambos e identificando as principais dificuldades que enfrentam frente o processo de ensino aprendizagem

2.1 Resultados e discussão: Uma análise histórica do papel do Supervisor e do Orientador Educacional

A trajetória histórica da Supervisão e da Orientação Educacional acompanha o processo da educação e, atualmente, busca fazer uma releitura da realidade a fim de oferecer subsídios para a construção de uma educação mais democrática e eficiente. Observamos que o processo educacional brasileiro é compreendido através de determinantes históricos, sendo mutável e subordinado aos interesses da classe dominantes, pois a escola é compreendida como uma intervenção entre o educando e o mundo da cultura construída socialmente Segundo Alonso (2006, p. 168), a figura do supervisor nasce como o elemento de intermediação anexa à ideias de mudança e percebida, como mera aplicação de “novas propostas” curriculares amplamente divulgadas pelos órgãos oficiais”.

A ação supervisora, parte integrante do processo educacional tem sua origem, segundo Folquié apud Saviani (2006, p. 14) nos primórdios das comunidades primitivas, onde a educação se dava de forma difusa e distinta, pois a vida coletiva favorecia que essa “supervisão” em prol desse sistema. A educação era de forma espontânea, mas havendo a necessidade de proteção e orientação.

De acordo com Keffler apud Saviani (2006, p. 15) “a supervisão deve aparecer aos olhos dos alunos como uma simples ajuda às suas fraquezas”.No Brasil a conceito de

supervisão nasce a partir de 1549, no plano de ensino estabelecido pelo Padre Manuel da Nóbrega sendo independente, principalmente após seu falecimento com adoção do “Ratio Studiorum”, em 1570.

3.0 O papel do Supervisor e do Orientador Educacional frente às relações interpessoais

O Supervisor Escolar é um profissional especializado em cultivar a motivação do corpo docente, deve ser idealista, inventivo e dinâmico procurando desenvolver a sua competência de organizar o pensamento e partilhar suas ideias de se constituir enquanto grupo envolvendo a força da ação coletiva, de liderar, de pensar criticamente a realidade social, possibilitando a constituição de uma convivência humana regulada na justiça, no respeito, na igualdade, na dignidade da pessoa, na democracia, na solidariedade. Para LUCK et al (2001, p.19) um ambiente estimulador é aquele em que existem ações efetivas: Definindo com precaução o Supervisor Escolar é um profissional que não se detenha somente da parte pedagógica, mas também que cuide e oriente a parte humana.

A Orientação Educacional, assim como a supervisão escolar, tem recebido enfoques variados. O Orientador tem sido visto e tem se visto como um profissional, cujo papel principal é atuar com os educandos Katz (1963 apud MARTINS, 1992) considera que é missão do Orientador Educacional levar o aluno a identificação dos valores intrínsecos e, a partir disto, ele estará apto a perceber e refazer suas escolhas. Esse é definido como um método pelo qual o orientador educacional ajuda o aluno, na escola a tomar consciência dos seus valores e dificuldades, concretizando principalmente através do estudo, na sua realização em todas as suas estruturas em todos os planos da vida. Realizando sessões de orientação e de aconselhamento e desempenha uma série de funções de maior ou menor importância, relacionadas com a concepção do atendimento ao educando. Diante dessa discussão Alves e Garcia (2010, p.20) aborda que:

O trabalho de SE e de OE que pretenda ser criativo e eficaz, necessita também de uma direção de escola também criativa e eficiente, para que, num comportamento dialético, as divergências entre os membros do grupo possam ser questionadas e os pontos de estrangulamento da escola, evidenciados, sem que o “medo” de ferir suscetibilidades será uma constante.

O modelos e técnicas de aconselhamento utilizado em Orientação Educacional desenvolveram-se originalmente no âmbito da psicoterapia, e implicitamente assumem a noção de que o indivíduo e não o ambiente em que faz parte é que deve modificar-se, pois é ele, indivíduo, e não o ambiente que está perturbado, doente ou com problemas. Além da parcialidade com que vê o aluno, tal posição assumida incorre em erro por chocar-se com os próprios aconselhamentos quanto a aceitação e compreensão do educando. No plano da argumentação questiona-se que o relacionamento naturalmente desigual entre Orientador Educacional e educando deixe de influir no educando como tal, mormente em nossa cultura em que o adulto é naturalmente visto como autoridade pela criança . Garcia(1994, p. 61) aborda que “ É necessário que assumamos nossas responsabilidades como agente de mudanças”. O aconselhamento individual e o mesmo em que, o grupo, como forma principal de atuação em Orientação Educacional, obriga a uma proporção relativamente pequena de alunos por profissional.

O atendimento individual ao educando pela orientação educacional vem fundamentando a hipótese de que os educandos tem precisões especiais e que os professores não estão preparados ou não têm condições para atendê-las. Segundo esse enfoque o orientador educacional “presta serviços” na medida em que emergem as necessidades (Lück,1978). Assim preconiza-se que o orientador educacional assuma funções de assistência ao professor, aos pais, às pessoas da escola com as quais o educando mantém contatos significativos. Como atender as necessidades dos educandos, tanto com relação aos aspectos cognitivos e psicomotores como os afetivos.

4 O papel do Supervisor Escolar e do Orientador Educacional frente ao processo de ensino-aprendizagem.

Realizado coletivamente, trabalho educacional tem que ser de forma partilhada abrangendo todos os elementos escolares de modo que estabeleçam objetivos para a resolução de problemas, mas sabemos que esse é um desafio da educação pois analisa que em muitas realidades escolares a dinâmica que era pra ser coletiva vem sendo de forma individual.

Uma análise conceitual do supervisor escolar tem o papel de apontar sugestões reflexivas sobre o conceito, que parece tão claro e delimitado, porém pode ter facetas complexas e, frequentemente, contraditórias. No âmbito desse processo, o conceito de supervisão escolar

tem sofrido alterações ao longo do tempo, assim como seus objetivos também não são os mesmos, considerando as diferentes etapas que marcaram tal processo evolutivo. Essas alterações geraram mudanças na maneira de encarar a tarefa educativa e na compreensão da escola como local para conduzir o processo educativo. Dentro dessa perspectiva, Ferreira (2000, p. 238) afirma que supervisão significa “visão sobre” e traz o viés de administração, que faz ser entendida como gerência para controlar o executado.

Dessa forma, quando transposta para educação, passa a ser exercida como função de controle no processo educacional.

[...] a supervisão escolar constitui-se num trabalho escolar que tem compromisso de garantir a qualidade do ensino, da educação da formação humana. Seu compromisso, em última instância, é a garantia de qualidade da formação humana que se processa nas instituições escolares, no sistema educacional brasileiro. Não se esgota, portanto no saber fazer bem e no saber o que ensinar, mas no trabalho articulador e orgânico [...] (FERREIRA, p. 237- 238).

O supervisor escolar como um profissional responsável pela coordenação do trabalho pedagógico, assumindo uma liderança, um papel de articulador de saberes, envolvido no processo de ensino aprendizagem, rumo à educação de qualidade para todos.

Na mesma linha ideológica, Przybylski (1982) conhece o conceito de supervisor como um agente com grandes responsabilidades na orientação e acompanhamento do desenvolvimento do ensino, acompanhando, observando e assessorando o desempenho dos professores, preparando-os na sua atuação didática junto aos alunos. Supervisão escolar é o processo que tem por objetivo prestar ajuda técnica no planejamento, desenvolvimento e avaliação das atividades educacionais em nível de sistema ou unidade escolar, tendo em vista o resultado das ações pedagógicas, o melhor desempenho e o aprimoramento permanente do pessoal envolvido na situação ensino-aprendizagem.

O Orientador Educacional diante do seu valor deve trabalhar diretamente com os alunos defendendo seu desenvolvimento pessoal e auxiliando-os para reparar o

processo de ensino aprendizagem e as relações existentes na escola, pois deve dialogar, ouvindo a comunidade, os pais e demais membros. Esse porém, não pode ser visto como recreador ou responsável por “consertar” e “ajustar” o aluno.

O objetivo da Orientação Educacional, segundo Fontoura "[...] é exatamente o de ocupar-se com a personalidade do educando, ajudando-o a resolver seus próprios problemas psicológicos e morais, bem como a tomar uma posição ético-filosófica em face dos problemas no mundo e da sua comunidade." (2008, p. 291).

De acordo com Luck (2008) uma gestão escolar eficiente depende da ação construtiva conjunta de seus componentes, depende de uma ação coletiva. Assim não se pensaria num trabalho conduzido sem a presença de todos os atores educacionais no âmbito escolar. Pensar numa escola de qualidade é pensar em conjunto, se envolvendo em uma gestão participativa ao qual é anexo ao cooperativismo, na tomada de decisões por todos os membros. Luck aborda que a ação participativa é uma prática social ao qual entrelaça valores éticos, sociais e equidade. Nisso, a educação ganha um caráter social e pedagógico, devendo valorizar o ser humano e o caráter de de coletividade. O anexo da comunidade na escola é um exemplo de participação social ganhando forças a educação e a promoção de direitos.

O trabalho do Orientador Educacional assiste no trabalho docente, acompanhando a desenvolvimento dos professores no ação de ensino-aprendizagem, acompanhando o processo de avaliação e recuperação do aluno, conduzindo a especialistas quando necessário, bem como, coordena o desenvolvimento de esquema de contato permanente com a família do aluno. Para o Orientador Educacional realizar seu planejamento com sucesso deve integrar e sensibilizar o corpo docente em suas ações, neste sentido, Martins diz:

É preciso que o Orientador tenha em mente que o professorado é o grande ponto de apoio para o desempenho de suas funções. Sendo assim deverá manter com o corpo docente um estreito relacionamento, visando ao maior envolvimento possível dos professores nas atividades do SOE. A Orientação Educacional, de forma nenhuma, poderá ser interpretada como algo estranho dentro da escola e, por isso, o pessoal docente deverá desde o início ser conquistado para trabalhar com a Orientação [...] (1984, p. 92)

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aborda que deve-se desenvolver um caráter democrático, com a participação da comunidade escolar com formação de conselhos cedendo autonomia pedagógica, administrativa e uma gestão financeira, mas sabemos que existe um caráter burocrático em muitas instituições que diferencia dessa atitude democrática e participativa.

É preciso enxergar a dimensão e a importância desse profissional no ambiente escolar de modo que se enquadre a realidade social, ajudando pessoas na tomada de decisões. O ambiente escolar vai além do individualismo, pois todos devem estar comprometidos. Uma das atribuições que o Orientador Educacional deveria assumir segundo Garcia (1992), é a identificação da filosofia educacional da escola, para poder esclarecer esta filosofia tanto para a equipe escolar, assim como para tentar associar forças para definir melhor o Projeto Pedagógico da Escola (PPE), buscar mudanças para melhor atender aos alunos e oferecer suporte para os educando sem seu desenvolvimento. O Orientador Educacional deve ser um profissional crítico, pensante e atuante, colaborando para o enriquecimento da educação. Orientador Educacional como mediador da escola era responsável por encaminhar os estudantes a psicólogos, hoje vem perdendo este rótulo pejorativo em prol de uma intermediação de conflitos, ajudando e criando estratégia pra resolução de problemas de aprendizagem, mas ele deve ser um profissional que tenha habilidade em criar táticas, prever e rever ações. É preciso manter as reuniões semanais com as classes, em prol de ficar antenado as principais dificuldade para poder tomar posições que esteja ao alcance de suas atribuições.

Segundo Heloísa Lück (1991), “Planejar a Orientação Educacional implica delinear o seu sentido, os seus rumos, a sua abrangência e as perspectivas de sua atuação. Vale dizer que esse planejamento envolve antes de tudo, uma visão global sobre a natureza da Educação, da Orientação Educacional e de suas possibilidades de ação”. A escola vem acarretando atribuições que vai além da transmissão de conteúdo, traz um perfil macro de caráter social e libertador, daí entra a importância de uma equipe preparada que planeje, execute e reflita ações em prol do desenvolvimento do educando, pois a educação é direito de todos, e este deve ser efetivado com respeito e ética. Se a escola é para todos devemos

lutar por uma educação de qualidade que vá além da mera execução de conteúdos abordado no planejamento anual.

. Seria preciso vê o aluno como um ser social e político sujeito do seu próprio desenvolvimento, assim, o professor precisa ver o aluno como sujeito capaz de estabelecer uma relação cognitiva e afetiva com o meio, mantendo uma interação harmoniosa com a realidade pessoal e social que o envolve. É necessário existir uma interação professor-aluno em face de seus objetivos. O aluno não deve ser um indivíduo passivo e o professor não pode se apresentar o dono da verdade. Professor e aluno deve investigar, problematizar situações e encontrar respostas em conjunto. É preciso levar em consideração os aspectos sociais e coletivos dos alunos, de modo que a cooperação entre no lugar do individualismo.

É preciso verificar que a orientação educacional, assim como a supervisão escolar, tem recebido enfoques variados. Este tem sido visto e tem se visto como um profissional, cujo papel principal é atuar com os educandos. é definida como um método pelo qual o orientador educacional ajuda o aluno, na escola a tomar consciência dos seus valores e dificuldades, concretizando principalmente através do estudo, na sua realização em todas as suas estruturas em todos os planos da vida. Diante desse discurso Pimentel diz que:

A Orientação Educacional, no seu conceito amplo dentro do sistema, se propõe a levar o adolescente a opções conscientes, baseadas no conhecimento racional dos fatos e situações, bem como na avaliação objetiva de seu próprio potencial, num processo de conscientização versus manipulação social, caminhando gradativamente para a maturação individual e social. (1976, p. 17).

Assim, realiza sessões de orientação e de aconselhamento e desempenha uma série de funções de maior ou menor importância, relacionadas com a concepção do atendimento ao educando.

. Deve-se levar em consideração também a formação continuada pois segundo Rosa (2004 p.142), a formação continuada é sempre lembrada, mas pouco aplicada. Esta formação contínua para professores e funcionários é primordial, pois o aperfeiçoamento constante do professor, da direção, da supervisão e da orientação educacional dá subsídio para valorização de novas ideias, novos métodos, novas experiências com possibilidade de melhorar o trabalho educativo. Diante dos fatores observados, é preciso um envolvimento

de todos os membros da escola em prol de uma educação de qualidade, criando um espaço de trabalho prazeroso, produtivo e com fortes vínculos afetivos. É preciso uma construção de núcleos organizados com a participação de todos na transformação do contexto educacional. Nesse processo de formação humana, uma educação efetivamente politizada é primordial, visando o desenvolvimento da sociedade. Diante dos fatores observados, é preciso um embasamento teórico e metodológico capaz de mudar essa realidade educacional de modo que valorize os princípios éticos, onde, professores, técnicos, alunos, comunidade escolar e demais funcionários deve se engajar na melhoria da educação, criando uma escola de qualidade capaz de mudar a realidade social.

5 CONCLUSÃO

Diante dos fatores abordados, sabemos que o Supervisor e o Orientador Educacional são profissionais importantes para o desenvolvimento educacional, vendo que são necessários para formação de uma escola de qualidade que vise as múltiplas relações e interesses.

Partindo de um ponto de vista analítico a Orientação Educacional e a Supervisão Escolar são imprescindíveis, pois alcançam a estabilização para escola, entrando na realidade em que a escola está inserida, e percebendo onde há necessidade de cuidado, de aperfeiçoamento, de alterações e transformações, sendo necessário reconhecer os desafios, entretanto a cooperação e empenho destes profissionais permitem que o ambiente escolar seja um momento de produção de conhecimento e experiências que os educandos levarão para a vida.

Assim, fazendo uma análise das atribuições do Supervisor e do Orientador Educacional veremos suas diferenciações e suas importâncias imprescindíveis pois Do ponto de vista legal, o Supervisor Escolar tem a função de orientar os professores, provocar, estimular, discutir, motivar, instigando interesses, o prazer, o envolvimento com o trabalho desenvolvido e analisando os pontos positivos, os resultados obtidos é quem organizada ou orienta o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores na escola. Assim o elemento de trabalho desse profissional é a aprendizagem do aluno através do professor, onde todos os atores do processo de ensino-aprendizagem tem suas

responsabilidades e um único objetivo: a aprendizagem significativa e um ambiente suave na escola.

No que diz respeito ao Orientador Educacional, este é um profissional que trabalha diretamente com o ser docente. Através da conversa, busca resolver os problemas que os alunos podem exibir cotidianamente, procurando sempre interagir com os familiares para que a instituição e a família possam andar em sincronia e com o mesmo objetivo. Também, designar meios para que o ambiente escolar seja adequado e adequado para o desenvolvimento educacional e individual do aluno

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniela. O mediador da escola. **NOVA ESCOLA**. Editora Abril ano XXXIV. Nº 220. Março de 2009, Ministério da Educação. FNDE.

BRASIL, Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional nº.9 396 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. acesso em: 29 de março de 2011.

CASTILLO, Gerardo. Educar para a amizade : um manual para pais e professores. São Paulo : Quadrante, 1999. CÓDIGO de Ética dos Orientadores Educacionais do Brasil.

CARMO, Ana Lídia Lopes do. **A gestão educacional**. Disponível em: www.infoescola.com/educacao.

CARVALHO, Maria de Lurdes ramo da Silva. **A função do Orientador educacional**. São Paulo: Cortez, 1979.

CONCEIÇÃO, Lilian Feingold. Coordenação: **princípios e ações em formação de professores e formação de estudante**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). Supervisão educacional para uma escola de qualidade. 4 ed. São Paulo: Cortez 2003.

FONTOURA, Amaral. **Introdução a Sociologia**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1970

LIMA, Elma Correa de. “Um olhar histórico sobre a supervisão”, in: RANGEL, Mary (org.). Supervisão pedagógica: princípios e práticas. 8 ed. Campinas: Papyrus, 2001.

MEDINA, Antônia da Silva. Supervisão Escolar: da ação exercida a ação repensada. Porto Alegre: Age, 2002.

GARCIA, Regina Leite (org). **Orientação Educacional o trabalho na escola**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

JORGE, Vagner, PETRY, Liane. **Relações interpessoais no ambiente escolar sob a visão de professores de ciência e matemática** X Encontro Gaúcho de educação matemática. 02 a 05 de junho de 2009. Ijuí, RS.

LUCK, Heloisa e LIMA, Lauro de oliveira. A ação integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional. 27 ed. Campinas: Papiros, 2005.

MARTINS, José do Prado. Princípios e Métodos da Orientação Educacional. 2. ed. São Paulo; Atlas, 1984.

PIMENTEL, Maria da Glória; SIGRIST, Áurea C. Orientação Educacional. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.